

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2019

Todos os direitos relativos à chancela Marcador encontram-se reservados para a Editorial Presença, S. A.
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © 1996 by Bhaktivedanta Book Publishing, Inc.
Edição original publicada por Bhaktivedanta Book Publishing, Inc.
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *The Hidden History of the Human Race*
Autores: Michael A. Cremonese e Richard L. Thompson
Tradução: Filipa Aguiar
Revisão: Joaquim E. Oliveira/Editorial Presença
Paginação: Gráfica 99, Lda.
Capa: Vera Braga/Marcador Editora
Imagens da capa: Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 459 436/19

1.ª edição, Lisboa, setembro, 2019

ÍNDICE

Prefácio	15
Nota ao Leitor	17
Introdução e Agradecimentos	19

PARTE I

PROVAS ANÓMALAS

1. A Canção do Leão Vermelho: Darwin e a Evolução Humana...	27
A Palavra de Darwin	27
Aparecimento dos Hominídeos	28
Alguns Princípios de Epistemologia	32
2. Ossos Cortados e Partidos: A Aurora da Falácia.....	37
St. Prest, França	38
Um Exemplo Moderno: Old Crow River, Canadá.....	40
Deserto de Anza-Borrego, Califórnia.....	41
Ossos Incisos de Sítios Italianos	42
Rinocerontes de Billy, França	43
Colline de Sansan, França	43
Pikermi, Grécia.....	44
Dentes de Tubarão Perfurados de Red Crag, Inglaterra.....	45
Osso Entalhado dos Dardanelos, Turquia.....	46
<i>Balaenotus</i> de Monte Aperto, Itália.....	47
<i>Halitherium</i> de Pouancé, França.....	49
San Valentino, Itália.....	50
Clermont-Ferrand, França	51
Concha Entalhada de Red Crag, Inglaterra	51

Instrumentos de Osso Encontrados em Red Crag, Inglaterra.....	52
Vala de Elefante de Dewlish, Inglaterra	54
Palavras de Conclusão sobre Ossos Intencionalmente Modificados....	55
3. Eólitos: As Pedras da Discórdia	57
Eólitos do Planalto de Kent, Inglaterra.....	58
Descobertas de J. Reid Moir em East Anglia	63
Dois Famosos Desmascaradores de Eólitos	70
Exemplos Recentes de Instrumentos Eolíticos das Américas	75
George Carter e o Sítio de Texas Street.....	76
Louis Leakey e o Sítio de Calico.....	77
Toca da Esperança, Brasil.....	79
Monte Verde, Chile	80
Descobertas Recentes no Paquistão	81
Sibéria e Índia.....	82
Quem Fez os Instrumentos Eolíticos?.....	83
4. Paleólitos Toscos	87
As Descobertas de Carlos Ribeiro em Portugal	87
As Descobertas de L. Bourgeois em Thenay, França.....	91
Instrumentos Oriundos de Aurillac, França.....	96
Descobertas de A. Rutot na Bélgica.....	102
Descobertas de Freudenberg Perto de Antuérpia.....	105
Itália Central	107
Artefactos de Pedra da Birmânia.....	107
Artefactos do Rio Black's Fork, Wyoming.....	108
5. Paleólitos e Neólitos Avançados	111
Descobertas de Florentino Ameghino na Argentina.....	111
Artefactos Encontrados por Carlos Ameghino em Miramar, Argentina.....	114
Tentativas de Desacreditar Carlos Ameghino.....	117
Mais Bolas e Objetos Semelhantes	122
Descobertas Norte-Americanas Relativamente Avançadas.....	125
Sheguiandah: A Arqueologia como <i>Vendetta</i>	125
Lewisville e Timlin: A <i>Vendetta</i> Continua.....	129
Hueyatlaco, México	130
Sandia Cave, Novo México	133
Artefactos Neolíticos da Terra do Ouro, Califórnia.....	134

Preconceitos Evolucionários	142
6. Provas de Cultura Avançada em Eras Distantes	145
Artefactos de Aix-en-Provence, França	146
Letras num Bloco de Mármore, Filadélfia.....	147
Prego em Arenito do Devónico, Escócia.....	147
Cordão de Ouro em Pedra Carbonífera, Inglaterra.....	148
Vaso Metálico de Rocha Pré-câmbrica em Dorchester, Massachusetts	148
Uma Bola de Calcário Terciária de Laon, França	149
Objetos de Zona de Escavação de Poços no Illinois.....	151
Uma Imagem de Argila em Nampa, Idaho	153
Corrente de Ouro em Carvão Carbonífero de Morrisonville, Illinois	156
Pedra Entalhada da Mina de Carvão Lehigh, perto de Webster, Iowa	157
Chávena de Ferro em Mina de Carvão no Oklahoma.....	158
Uma Sola de Sapato do Nevada.....	159
Parede Maciça numa Mina do Oklahoma	160
Tubos Metálicos Oriundos de Lençóis de Calcário em França	162
Impressão de Sapato em Argila Xistosa do Utah	162
Esfera Sulcada da África do Sul	165
7. Ossadas Humanas Anómalas	167
O Fémur de Trenton.....	167
O Esqueleto de Galley Hill	168
O Maxilar de Moulin Quignon.....	171
Atualização de Moulin Quignon	172
O Esqueleto de Clichy	173
Fragmentos de Crânio de La Denise.....	174
O Esqueleto de Ipswich	174
Terra Amata.....	176
O Crânio de Buenos Aires	177
<i>Homo Erectus</i> Sul-Americano?	178
O Maxilar de Foxhall	179
Os Esqueletos de Castenedolo.....	180
O Esqueleto de Savona	187
A Vértebra de Monte Hermoso	188
O Maxilar de Miramar.....	190
O Crânio de Calaveras.....	190

Mais Fósseis Humanos na Terra do Ouro da Califórnia	193
Descobertas Antiquíssimas na Europa	197
Anomalias Extremas.....	198

PARTE II

PROVAS ACEITES

8. O Homem de Java.....	203
Eugene Dubois e o <i>Pithecanthropus</i>	203
A Expedição de Selenka	208
Dubois Retira-se da Batalha	208
Mais Fémures	209
Serão os Fémures de Trinil Humanos e Modernos?.....	210
O Maxilar de Heidelberg.....	212
Outras Descobertas do Homem de Java por Von Koenigswald	213
O Papel do Instituto Carnegie	215
De Volta a Java	218
Descobertas Posteriores em Java	220
Datação Química e Radiométrica das Descobertas de Java	221
Apresentações Enganosas de Provas do Homem de Java.....	224
9. A Revelação de Piltdown.....	229
Dawson Encontra um Crânio	230
Uma Falsificação Exposta?.....	234
Identificar o Réu.....	240
10. O Homem de Pequim e Outras Descobertas na China	245
Zhoukoudian.....	245
Davidson Black.....	247
Transformação da Fundação Rockefeller.....	249
Uma Descoberta Histórica e uma Campanha a Sangue-frio.....	252
Fogo e Artefactos em Zhoukoudian	253
Sinais de Canibalismo	255
Os Fósseis Desaparecem.....	257
Um Caso de Desonestidade Intelectual	257
Datação por Morfologia.....	259
Outras Descobertas na China.....	265

11. <i>Australopithecus</i> vivos?	271
Criptozoologia.....	271
Homens Selvagens Europeus.....	272
O Noroeste da América do Norte.....	272
Américas Central e do Sul.....	277
Yeti: Homens Selvagens dos Himalaias.....	279
O Alma da Ásia Central.....	282
Homens Selvagens da China.....	286
Homens Selvagens da Malásia e da Indonésia.....	288
África.....	289
A Ciência de Elite e os Relatos sobre Homens Selvagens	291
12. De África Vem Sempre Algo de Novo	293
O Esqueleto de Reck.....	293
Os Crânios de Kanjera e o Maxilar de Kanam.....	300
O Nascimento do <i>Australopithecus</i>	306
<i>Zinjanthropus</i>	312
<i>Homo habilis</i>	312
Uma Fábula de Dois Números.....	314
As Descobertas de Richard Leakey.....	315
O Astrágalo ER 813.....	317
OH 62: Queira o Verdadeiro <i>Homo habilis</i> Fazer o Obséquio de Se Levantar!.....	317
Crítica de Oxnard ao <i>Australopithecus</i>	320
Lucy na Areia com Diatribes.....	323
<i>Australopithecus afarensis</i> : Demasiado Humano?.....	325
As Pegadas de Laetoli.....	326
Crânio Negro, Pensamentos Negros.....	330
Resumo das Provas Anómalas Relacionadas com a Antiguidade Humana	333
Bibliografia.....	341

PARTE 1

Provas Anómalas

1

A CANÇÃO DO LEÃO VERMELHO: DARWIN E A EVOLUÇÃO HUMANA

Numa certa noite de 1871, uma associação de cultos cavalheiros britânicos, os Leões Vermelhos, reúne-se em Edimburgo, Escócia, para um alegre banquete regado a canções e discursos bem-humorados. Lorde Neaves, de todos conhecido pelas suas brincadeiras literárias, levanta-se perante os Leões reunidos e entoia 12 estrofes por ele compostas sobre «A Origem das Espécies *a la Darwin*». Entre elas: Um Símio de polegar flexível e grande cérebro / / Conseguiu o dom da loquacidade lograr, / Enquanto o Senhor da Criação estabelecia seu reino, / O que Ninguém pode Negar!

O auditório responde, como é costume entre os Leões Vermelhos, rugindo gentilmente e abanando as abas das casacas.

Apenas 12 anos volvidos sobre a publicação, por Charles Darwin, em 1859, de *A Origem das Espécies*, um número cada vez maior de cientistas e outros eruditos achava impossível, de facto, ridículo, supor serem os seres humanos, nada mais, nada menos, que descendentes modificados de uma linhagem ancestral de criaturas simiescas. No próprio *A Origem das Espécies*, Darwin tecia somente breves comentários sobre a questão dos primórdios do Homem, afirmando, já nas páginas finais, que «uma nova luz será lançada sobre o problema da origem do Homem e da sua História». Todavia, a despeito das cautelas de Darwin, era óbvio que ele não via na Humanidade uma exceção à sua teoria de que uma espécie evolui de outra.

A Palavra de Darwin

Só em 1871 é que Darwin aparece com um livro, *A Origem do Homem*, no qual expressa os seus detalhados pontos de vista sobre a evolução humana. Para explicar a sua demora, Darwin escreveu: «Durante muitos anos, coligi anotações sobre a origem ou descendência do Homem, sem qualquer intenção de

publicar fosse o que fosse sobre o tema, mas, pelo contrário, com a determinação de nada publicar, por achar que, assim fazendo, estaria apenas a contribuir para os preconceitos contra as minhas opiniões. Pareceu-me suficiente indicar, na primeira edição do meu *A Origem das Espécies*, que, com esta obra, “nova luz será lançada sobre o problema da origem do Homem e da sua História”; e isto implica que o Homem deve ser incluído entre os demais seres orgânicos em qualquer conclusão genérica que diga respeito à maneira como apareceu na Terra.» Em *A Origem do Homem*, Darwin era explícito ao negar qualquer estatuto especial para a espécie humana. «Aprendemos, portanto», dizia ele, «que o Homem descende de um quadrúpede peludo e com cauda, provavelmente de hábitos arbóreos e habitante do Velho Mundo.» Era uma declaração ousada, não obstante carecesse do tipo mais convincente de prova – fósseis de espécies transicionais entre os antigos símios e os humanos modernos.

Afora os dois mal datados crânios de Neandertal da Alemanha e de Gibraltar, e algumas outras descobertas de morfologia moderna pouco divulgadas, não havia descobertas de restos fósseis hominídeos. Esse facto rapidamente se transformou em munição para aqueles que se revoltaram com a sugestão de Darwin de que os humanos tinham antepassados simiescos. Onde é que estavam – perguntavam eles – os fósseis que provariam tal teoria? Hoje, contudo, quase sem exceção, os paleoantropólogos acreditam ter satisfeito as expectativas de Darwin mediante descobertas positivas de fósseis dos antepassados do Homem em África, na Ásia e noutras regiões.

Aparecimento dos Hominídeos

Neste livro, adotámos o sistema moderno das eras geológicas (Quadro 1.1). Usamo-lo como fonte fixa de referência para o nosso estudo da História dos antigos humanos e quase humanos. E fizemo-lo por uma questão de conveniência.

Reconhecemos, no entanto, que as nossas descobertas exigiriam uma séria reavaliação da escala do tempo geológico.

Segundo os pontos de vista modernos, os primeiros seres simiescos apareceram no Oligoceno, que começou há cerca de 38 milhões de anos. Os primeiros símios considerados antecessores dos humanos apareceram no Mioceno, que se estende entre cinco milhões e 25 milhões de anos no passado. Entre ambas as eras está o *Dryopithecus*.

Depois veio o Pliocénico, durante o qual se diz terem aparecido nos registos fósseis os primeiros hominídeos, primatas com postura ereta e

Quadro 1.1. Eras e Períodos Geológicos

Era	Período	Início (em milhões de anos)
Cenozoica	Holoceno	0,01
	Plistoceno	2
	Pliocénico	5
	Mioceno	25
	Oligoceno	38
	Eoceno	55
	Paleoceno	65
Mesozoica	Cretáceo	144
	Jurássico	213
	Triásico	248
Paleozoica	Pérmico	286
	Carbonífero	360
	Devoniano	408
	Silúrico	438
	Ordovícico	505
	Câmbrico	590

semelhantes a humanos. O hominídeo mais antigo que se conhece é o *Australopithecus*, o símio meridional, que remonta a quatro milhões de anos, no Pliocénico.

Este quase humano, dizem os cientistas, tinha entre 1,20 e 1,50 metros de altura e uma capacidade craniana de 300 a 600 cm³. Do pescoço para baixo, diz-se que o *Australopithecus* era muito parecido com os seres humanos modernos, ao passo que a cabeça revelava características tanto simiescas como humanas.

Pensa-se que uma ramificação do *Australopithecus* tenha dado origem ao *Homo habilis* há cerca de dois milhões de anos, no princípio do Plistoceno. O *Homo habilis* é muito parecido com o *Australopithecus*, com exceção da sua capacidade craniana, que tudo leva a crer que era maior, entre os 600 e os 750 cm³.

Considera-se que o *Homo habilis* deu origem ao *Homo erectus* (a espécie em que se incluem o Homem de Java e o Homem de Pequim) há cerca de 1,5 milhões de anos. O *Homo erectus* teria entre 1,50 e 1,80 metros de altura, e a sua capacidade craniana variava entre os 700 e os 1300 cm³. Muitos paleoantropólogos acreditam hoje que, do pescoço para baixo, o *Homo erectus* era, tanto quanto o *Australopithecus* e o *Homo habilis*, quase igual aos seres

humanos modernos. A testa, contudo, inclinava-se por trás de maciças arcadas supraorbitais, os maxilares e os dentes eram proeminentes e o maxilar inferior não tinha queixo. Crê-se que o *Homo erectus* viveu em África, na Ásia e na Europa até há cerca de 200 mil anos.

Os paleoantropólogos acreditam que, do ponto de vista anatómico, os humanos modernos (*Homo sapiens sapiens*) foram-se formando aos poucos a partir do *Homo erectus*. Há cerca de 300 ou 400 mil anos, diz-se terem aparecido os primeiros *Homo sapiens* primitivos, ou *Homo sapiens* arcaicos. Nas descrições feitas sobre eles, a capacidade craniana é quase tão grande como a dos seres humanos modernos, no entanto, ainda manifestam, ainda que em menor grau, algumas das características do *Homo erectus*, tais como o crânio espesso, a testa recuada e grandes arcadas supraorbitais. Entre os exemplos desta categoria, temos as descobertas oriundas de Swanscombe, em Inglaterra, de Steinheim, na Alemanha, e de Fontchevade e Arago, em França. Uma vez que estes crânios também apresentam, até certo ponto, características de Neandertal, são igualmente classificados como tipos pré-Neandertal. Hoje, muitas autoridades postulam que tanto os humanos anatomicamente modernos como os neandertais europeus ocidentais evoluíram dos homínídeos pré-Neandertal ou do *Homo sapiens* primitivo.

No início do século xx, alguns cientistas defendiam o ponto de vista de que os neandertais do último período glacial, conhecidos como os neandertais europeus ocidentais clássicos, foram os antepassados diretos dos seres humanos modernos. Tinham cérebros maiores do que os do *Homo sapiens sapiens*. Os seus rostos e maxilares eram muito maiores, e as testas ficavam mais abaixo, inclinando-se por trás de grandes arcadas supraorbitais. Encontram-se vestígios de Neandertal em depósitos do Plistoceno, com idades que variam entre os 30 mil e os 150 mil anos. No entanto, a descoberta de *Homo sapiens* primitivos em depósitos com muito mais de 150 mil anos tirou, de uma vez por todas, os neandertais europeus ocidentais clássicos da linha direta de descendência desde o *Homo erectus* até aos humanos modernos.

O tipo de humanos conhecidos como Cro-Magnon apareceu na Europa há aproximadamente 30 mil anos e era anatomicamente moderno. Os cientistas costumavam dizer que o *Homo sapiens sapiens* anatomicamente moderno surgiu pela primeira vez há cerca de 40 mil anos, mas, hoje, muitas autoridades, levando em consideração descobertas feitas na África do Sul e noutras regiões, dizem que já existia há 100 mil ou mais anos.

A capacidade craniana dos seres humanos modernos varia dos 1000 aos 2000 cm³, estando a média em volta dos 1350 cm³. Como rapidamente se pode observar hoje entre os humanos modernos, não há uma correlação entre

o tamanho do cérebro e a inteligência. Há pessoas inteligentíssimas com cérebros de 1000 cm³ e débeis mentais com cérebros de 2000 cm³.

Exatamente onde, quando ou como o *Australopithecus* deu origem ao *Homo habilis*, ou o *Homo habilis* deu origem ao *Homo erectus*, ou o *Homo erectus* deu origem aos seres humanos modernos, não é explicado em descrições atuais das origens humanas. Entretanto, a maioria dos paleoantropólogos concorda que apenas humanos anatomicamente modernos vieram para o Novo Mundo. Diz-se que as etapas anteriores da evolução, do *Australopithecus* em diante, se deram no Velho Mundo. A primeira chegada de seres humanos ao Novo Mundo, segundo se diz, data de há cerca de 12 mil anos, sendo que alguns cientistas preferem determinar uma data de 25 mil anos, equivalente ao Plistoceno Superior.

Ainda hoje, são muitas as lacunas no suposto registo da descendência humana. Por exemplo: há uma ausência quase total de fósseis que vinculem os símios do Mioceno, como o *Dryopithecus*, aos antepassados, atribuídos ao Pliocénico, de símios e humanos modernos, em especial num lapso que vai dos quatro aos oito milhões de anos.

Talvez seja verdade que um dia venham a ser encontrados os fósseis que hão de preencher essas lacunas. Todavia, e isto é extremamente importante, não há motivo para supor que os fósseis que ainda estão por encontrar serão sustentáculos da teoria da evolução.

E se, por exemplo, os fósseis de humanos anatomicamente modernos fossem encontrados em estratos mais antigos do que aqueles em que os *Dryopithecus* foram descobertos?

Mesmo que se constatasse que os humanos anatomicamente modernos viveram há milhões de anos, quatro milhões de anos após o desaparecimento dos *Dryopithecus*, no Mioceno Superior, tal seria suficiente para suplantar os relatos atuais sobre a origem da Humanidade.

De facto, essa prova já foi encontrada, mas tem, desde então, sido suprimida ou convenientemente esquecida. Grande parte dessa prova veio à tona nas décadas imediatamente posteriores à publicação de *A Origem das Espécies* de Darwin, obra antes da qual não haviam sido feitas descobertas notáveis, excetuando-se o Homem de Neandertal. Nos primeiros anos do darwinismo, quando não havia uma história bem definida da descendência humana que precisasse de ser defendida, os cientistas profissionais fizeram e registaram muitas descobertas que hoje nem sequer seriam aceites nas páginas de qualquer jornal mais respeitável no meio académico do que o *National Enquirer*.

A maioria desses fósseis e artefactos foi desenterrada antes da descoberta, por Eugene Dubois, do Homem de Java, o primeiro homínideo proto-humano

entre o *Dryopithecus* e os seres humanos modernos. O Homem de Java foi encontrado em depósitos do Plistoceno Médio, aos quais em geral se atribuem 800 mil anos de idade. Esta descoberta tornou-se um marco. Daí por diante, os cientistas não esperariam encontrar fósseis ou artefactos moldados por humanos anatomicamente modernos em depósitos de idade igual ou maior. Se o fizeram (ou alguém mais prudente), concluíram que tal era impossível e arranjam uma qualquer forma de desacreditar a descoberta, taxando-a de erro, ilusão ou embuste. Antes do Homem de Java, contudo, cientistas conceituados do século XIX encontraram uma série de exemplos de restos de ossadas de humanos anatomicamente modernos em estratos antiquíssimos. E também encontraram um grande número de artefactos de pedra de diversos tipos, bem como ossos de animais com sinais de manuseio humano.

Alguns Princípios de Epistemologia

Antes de começarmos o nosso exame das provas paleoantropológicas rejeitadas e aceites, esboçaremos algumas regras epistemológicas que temos procurado observar. Segundo a definição do *Webster's New World Dictionary*, a epistemologia é «o estudo ou teoria da origem, natureza, métodos e limites do conhecimento». Ocupando-nos nós do estudo de provas científicas, é importante que tenhamos em mente a natureza, os métodos e os limites do conhecimento; caso contrário, tenderemos a cair na ilusão.

As certezas paleoantropológicas assentes incorporam certas limitações básicas para as quais devemos chamar a atenção. Em primeiro lugar, as observações que se enquadram na categoria de factos paleoantropológicos tendem a envolver descobertas raras, as quais não podem ser duplicadas a nosso bel-prazer. Por exemplo: alguns cientistas desta área conquistaram grande reputação com base em poucas descobertas famosas, ao passo que outros, a grande maioria, têm passado as suas carreiras inteiras sem que lhes tenha acontecido uma única descoberta significativa.

Em segundo lugar, uma vez feita uma descoberta, destroem-se elementos essenciais dessa prova, passando a depender exclusivamente do testemunho dos descobridores o conhecimento desses elementos. Um dos aspectos mais importantes de um fóssil é, por exemplo, a sua posição estratigráfica. No entanto, uma vez que o fóssil tenha sido extraído da terra, destrói-se a prova direta indicativa da sua posição, e passamos a depender apenas do testemunho do escavador para sabermos onde ele, ou ela, o encontrou.

Evidentemente, será possível argumentar que as características químicas, e outras, do fóssil podem indicar o seu lugar de origem. Isto aplica-se em alguns casos, mas não noutros. E ao fazermos tais julgamentos, temos também de depender de relatórios sobre as propriedades químicas e demais propriedades físicas dos estratos em que se alega ter sido encontrado o fóssil.

As pessoas responsáveis por descobertas importantes não conseguem, por vezes, reencontrar os locais dessas descobertas. Após alguns anos, os locais são quase inevitavelmente destruídos, talvez pela erosão, pela escavação paleoantropológica completa ou pelo desenvolvimento comercial (o qual envolve exploração de pedreiras, construção civil, e assim por diante). Mesmo as escavações modernas, mediante as quais se consegue um registo meticuloso e pormenorizado, destroem a própria prova registada, deixando-nos com nada além do testemunho escrito para corroborar muitas declarações essenciais. E muitas descobertas importantes, mesmo na atualidade, são acompanhadas de registos escassíssimos de pormenores importantes.

Deste modo, uma pessoa desejosa de conferir registos paleoantropológicos achará difícilimo ter acesso aos factos em si, mesmo que tenha meios para viajar até ao local de uma descoberta. E, decerto, limitações de tempo e de dinheiro impossibilitam-nos de examinar pessoalmente mais do que uma pequena percentagem da totalidade dos sítios paleoantropológicos importantes.

Um terceiro problema é este: raramente (ou nunca) os factos da paleoantropologia são simples. Digamos que um cientista declara que os fósseis se projetavam nitidamente de uma certa camada do Plistoceno Inferior. Mas esta declaração aparentemente simples pode depender de muitas observações e argumentos, envolvendo falhas geológicas, a possibilidade de uma qualquer queda repentina, a presença ou ausência de uma camada de aluvião, a presença de um sulco reenchido, e assim por diante. Ao consultarmos o testemunho de outra pessoa presente no local, poderemos descobrir muitos pormenores importantes não referidos pela primeira testemunha.

Observadores diferentes, às vezes, contradizem-se, uma vez que os seus sentidos e memórias são imperfeitos. Neste caso, um observador num determinado sítio pode ver certas coisas, mas deixar de ver outras importantes. Algumas delas poderiam ser vistas por outros observadores, mas tal torna-se por vezes impossível, pelo facto de o sítio ficar inacessível.

Outro problema é a falsificação. Esta pode ocorrer a um nível de fraude sistemática, como no caso de Piltdown. Como veremos, para uma abordagem em profundidade deste tipo de fraude, é necessário ter a capacidade de investigação de um super-Sherlock Holmes, além de todos os recursos de um moderno laboratório forense.

Infelizmente, há sempre fortes motivos para fraudes deliberadas ou inconscientes, uma vez que a fama e a glória acenam para quem logra descobrir um antepassado humano.

A fraude também pode dar-se ao nível da simples omissão do registo de observações que contrariem as conclusões desejadas por alguém. Como veremos no decurso deste livro, houve casos de investigadores que observaram artefactos em certos estratos, mas que jamais registaram tais descobertas, porque não acreditavam que os artefactos pudessem ter aquela idade. E isto é muito difícil de evitar, pois os nossos sentidos são imperfeitos e, se deparamos com algo aparentemente impossível, é natural que suponhamos ter caído no equívoco. Na verdade, isto pode muito bem acontecer. Enganar pela omissão de observações importantes nada mais é do que uma limitação da natureza humana, que, infelizmente, pode ter um impacto nocivo sobre o processo empírico.

Os empecilhos dos factos paleoantropológicos não se limitam à escavação de objetos. Também encontramos empecilhos semelhantes em estudos modernos de datação química ou radiométrica. Por exemplo: uma data estabelecida com carbono 14 pareceria envolver um procedimento confiável de que resulta um número final – a idade de um objeto. Porém, estudos concretos de datação costumam exigir considerações complexas relativas à identidade das amostras, além do seu histórico e de uma possível contaminação. Podem acarretar a rejeição de certos cálculos preliminares de datas e a aceitação de outros com base em complexos argumentos que raras vezes são publicados de forma explícita. Ademais, os factos podem ser complexos, incompletos e bastante inacessíveis.

A conclusão a que chegamos a partir destas limitações dos factos paleoantropológicos é esta: neste campo de estudo, estamos sobremaneira limitados ao estudo comparativo dos relatórios. Embora realmente existam provas concretas sob a forma de fósseis e artefactos em museus, a maior parte das asserções que dão importância a esses objetos só existe sob a forma escrita.

Uma vez que a informação constante dos registos paleoantropológicos tende a ser incompleta, e como até os mais simples factos paleoantropológicos tendem a envolver assuntos complexos e insolúveis, é difícil chegar a conclusões sólidas sobre a realidade neste campo. O que fazer, então? Suggerimos, como coisa importante que possamos fazer, que se compare a qualidade dos diferentes registos.

Embora não tenhamos acesso aos factos em si, podemos fazer um estudo direto dos diferentes registos e uma comparação objetiva.

Uma coletânea de relatórios ligados a certas descobertas pode ser avaliada com base na inteireza da investigação registada e na lógica e consistência dos argumentos apresentados. Pode considerar-se se foram ou não levantados e respondidos os

diversos contra-argumentos céticos relativamente a uma determinada teoria. Uma vez que as observações registadas devem ser sempre aceites com base num dado grau de fé, pode também averiguar-se a idoneidade dos observadores.

A nossa proposta segue neste sentido: se dois conjuntos de relatórios parecerem igualmente confiáveis com base nesses critérios, deverão ser tratados da mesma forma.

Ambos os conjuntos poderiam ser aceites, ambos poderiam ser rejeitados, ou poder-se-ia considerar que têm os dois um estatuto incerto. Seria inadequado, contudo, aceitar um conjunto de relatórios e, ao mesmo tempo, rejeitar o outro, e, em especial, seria errado aceitar um conjunto como prova de determinada teoria e, ao mesmo tempo, suprimir o outro, tornando-o, desse modo, inacessível a futuros estudantes.

Optamos por aplicar esta abordagem a dois conjuntos específicos de relatórios. O primeiro conjunto consiste em registos de artefactos e restos de esqueletos humanos anormalmente antigos, muitos dos quais foram descobertos em finais do século XIX e inícios do século XX. Estes registos são examinados na Parte 1 deste livro.

O segundo conjunto consiste em registos de artefactos e de restos de esqueletos aceites como provas em abono das atuais teorias da evolução humana. Estes registos enquadram-se, quanto à sua data, no período que vai do fim do século XIX à década de 1980, e são examinados na Parte 2. Por causa das interligações naturais entre as diferentes descobertas, algumas descobertas anómalas também são examinadas na Parte 2.

A nossa tese é que, a despeito dos diversos avanços feitos no campo da ciência paleoantropológica durante o século XX, há uma equivalência essencial em termos de qualidade entre estes dois conjuntos de relatórios. Portanto, sugerimos que não é apropriado aceitar um conjunto e rejeitar o outro. Isto traz sérias implicações à teoria moderna da evolução humana. Se rejeitamos o primeiro conjunto de relatórios (as anomalias) e, em nome da consistência, também rejeitamos o segundo conjunto (provas aceites atualmente), privamos a teoria da evolução humana de uma boa parte dos seus fundamentos observacionais. Porém, se aceitamos o primeiro conjunto de relatórios, devemos aceitar a existência de seres inteligentes, capazes de fazer artefactos, em períodos geológicos tão remotos como o Mioceno, ou mesmo o Eoceno. Se aceitamos as amostras ósseas apresentadas nestes relatórios, devemos ir mais adiante e aceitar a existência de seres humanos anatomicamente modernos nesses períodos remotos.

Esta prática não só contradiz a teoria moderna da evolução humana, como também lança sérias dúvidas sobre toda a nossa visão da evolução da vida mamífera na Era Cenozoica.